

ENSINO MODERNO PÚBLICO NO RIO GRANDE DO NORTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX: EM FOCO OS PASSEIOS EXTRACLASSE DOS GRUPOS ESCOLARES

CRISLANE BARBOSA AZEVEDO¹
ROSA MILENA SANTOS²

Resumo

A implantação dos passeios extraclasse nos grupos escolares norte-rio-grandenses representou mais um aspecto relativo ao método de ensino intuitivo instituído para aquelas instituições. Neste trabalho, buscamos analisar a prática dos passeios extraclasse presentes nos grupos escolares do Rio Grande do Norte (RN), do início do século XX, com atenção a suas características, seus princípios e suas finalidades. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e documental com foco, sobretudo, no jornal “*A Republica*” (1910-1930). Com a investigação sobre os passeios escolares, foi possível compreendermos, em perspectiva histórica, o contexto social, político e cultural da época da implantação dos grupos escolares no Rio Grande do Norte, estabelecimentos escolares considerados signos da República, no Brasil. Da mesma forma, foi possível compreendermos o funcionamento de tais escolas, sobretudo, no que diz respeito à prática do método de ensino intuitivo.

Palavras-chave: Grupos escolares. Passeios escolares. Método intuitivo.

Abstract

The implementation of extracurricular tours in North Rio Grande school groups, represented another aspect of the intuitive teaching method established for those institutions. In this paper, we analyze the practice of school trips in the early school groups of Rio Grande do Norte (RN), the early twentieth century, with attention to their characteristics, principles and purposes. To this end, we conducted bibliographic and documentary research focused primarily on the newspaper “*The Republic*” (1910-1930). With research on school trips was possible to understand, in historical perspective, the social, political and cultural the time of implementation of school groups in Rio Grande do Norte, schools considered signs of the Republic

1 Professora Adjunta III do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo e do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

2 Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

in Brazil. Likewise, it was possible to understand the functioning of such schools, especially with regard to the practice of intuitive teaching method.

Keywords: School groups. School trips. Intuitive method.

1 Introdução

Nesta pesquisa, desenvolvida na linha de História da Educação, tomamos como ponto de partida os grupos escolares do estado do Rio Grande do Norte. Pesquisar sobre educação em perspectiva histórica possibilitou-nos perceber o papel da administração pública sobre a formação dos cidadãos na defesa de um ensino moderno (intuitivo) e de qualidade e na preocupação com experiências de caráter disciplinar, moral, cívico e patriótico.

Por meio desta investigação foi possível percebermos, especificamente, os meandros de processos escolares próprios do ensino primário, com atenção para o material pedagógico e escolar, a estrutura do prédio, a regulamentação do ensino, o papel dos inspetores bem como o trabalho dos professores e as práticas destes voltadas para métodos de ensino considerados modernos. Desse último aspecto, destacamos os passeios escolares, sobre os quais discorreremos.

Dessa forma, buscamos analisar a prática dos passeios escolares presentes nos grupos escolares do Rio Grande do Norte (RN), do início do século XX, com atenção para suas características, seus princípios e suas finalidades. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e documental. Esta última com atenção especial à imprensa local, especificamente, ao jornal “*A Republica*”, do período de 1910 a 1930. Foi por meio do contato com as publicações deste periódico, as quais registram a presença dos passeios extraclasse, que despertamos para esta pesquisa. Acresce a isso o fato de ser a fonte “jornal” ainda pouco utilizada nas pesquisas sobre grupos escolares norte-rio-grandenses (ARAÚJO, 2012; MOREIRA, 1997, 2011; MOREIRA, 2005; SILVA, 2010; AZEVEDO; STAMATTO, 2012).

A partir de mudanças ocorridas na produção historiográfica ocidental no século XX, que ampliaram a noção de fonte e de sujeito histórico, e, portanto, do campo de atuação do historiador, construiu-se a possibilidade de trabalho com diferentes tipos de documentos, a exemplo, dos jornais. Bezerrill (2011, p. 3), sobre a consideração do jornal como fonte e suas potencialidades, registra que:

[...] a imprensa, particularmente a impressa, tem propiciado não apenas o alargamento das fontes do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer, dentre outros, as transformações das práticas culturais, os comportamentos

sociais de uma referida época, as manifestações ideológicas de certos grupos, a representação de determinadas classes e a visibilidade dos gêneros.

No início do século XX, constituía-se na França uma nova forma de pesquisa histórica, que ficara reconhecida, posteriormente, como *Escola dos Annales* sob a liderança de Lucien Febvre e Marc Bloch (BURKE, 1990). Como resultado, tem-se para a história mudanças na concepção de fontes e objetos que, uma vez flexibilizada, amplia para os estudos históricos as possibilidades de investigação, integrando a esta a interpretação. Fruto dessa ampliação, fontes como o jornal ganham espaço nas pesquisas históricas. Esta, como qualquer outra fonte documental exige do pesquisador muita atenção. Apesar de nos colocar diante das transformações de diferentes épocas, é preciso que tenhamos consciência dos condicionantes que fazem parte do processo constitutivo dessa fonte específica. Ou seja,

[...] ao analisarmos os mais variados componentes dos jornais, devemos levar em conta que o jornalismo trata-se de uma atividade de cunho político-ideológico influenciado pelo seu meio social e histórico. Isso significa dizer que não existe neutralidade no jornalismo, já que esse setor é condicionado por fatores externos (culturais, sociais, políticos, econômicos) e internos (questão de organização e de adequação à equipe que compõe a redação). (BEZERRIL, 2011, p. 4).

Apesar do atual reconhecimento das possibilidades de análise sobre o passado a partir dos jornais pelos historiadores, Calonga (2012, p. 86) lembra-nos de que “[...] contudo, a inserção dos impressos na produção historiográfica brasileira, especialmente o uso de jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas, ainda é recente se comparado a Europa e Estados Unidos”. Essa afirmação cabe bem, de forma específica, também, para as pesquisas sobre grupos escolares no Rio Grande do Norte. Por isso, o despertar de nosso interesse em investigar tal temática a partir da consideração também desse tipo de fonte documental, o que contribui, como afirma Calonga (2012), para a consolidação de trabalhos de pesquisa que usam o jornal como fonte. Segundo o autor, somente nos últimos anos,

[...] os trabalhos que se valham de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil se consolidaram. Identifica-se, a partir daí, relativo aumento na utilização dos periódicos como documento e objeto de pesquisas, incluindo-se dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações de artigos e/ou livros. (CALONGA, 2012, p. 86).

A ênfase no trabalho com a fonte jornal não excluiu o estudo de outros documentos como Regimento Interno dos grupos escolares e relatórios de profissionais ligados ao ensino. Todo o trabalho de questionamento às fontes proporcionou-nos

perceber, para além das especificidades dos passeios escolares dos grupos: a relação da educação com a sociedade; o imbricamento entre educação, preocupações políticas e condicionantes econômicos; uma perspectiva mais geral sobre a sociedade da época.

Os passeios, como uma prática metodológica intuitiva, começavam a fazer parte de sistemas de ensino de diferentes países a partir do final do século XIX. Cardoso (2008), em seu estudo – para citar alguns exemplos –, mostra que há registros da prática na França e na Espanha entre 1879 e 1897. A partir de 1904, de modo geral, os passeios escolares começaram a ser registrados nas escolas primárias do México. Na Argentina, os passeios estão presentes desde, pelo menos, os anos de 1910, conforme regulamentação do ensino que dispunha sobre a realização mensal de um passeio escolar, o qual deveria ser realizado a partir de um bem projetado planejamento de ação educativa e instrutiva.

No Rio Grande do Norte, de acordo com o diretor da Instrução Pública, o Dr. Manoel Dantas estabeleceu, em 1913, o Regimento Interno dos Grupos Escolares, e este foi determinado para todos os grupos escolares e escolas isoladas: “[...] a obrigatoriedade dos passeios escolares mensaes, que se destinam não só á cultura physica dos alumnos como á aproveitosas licções de coisas” (INSTRUCÇÃO, 1914, p. 1)³, como também ficaram conhecidos os processos intuitivos.

2 Os grupos escolares e o método intuitivo

A implantação dos grupos escolares no Rio Grande do Norte (RN) ocorreu em 1908, mediante o Decreto nº 178, daquele ano, que restabeleceu a Diretoria Geral da Instrução Pública criando a Escola Normal de Natal e os grupos escolares (AZEVEDO; STAMATTO, 2012). Os grupos escolares no RN foram um veículo de propagação do modelo de ensino considerado moderno pautado nos ideais republicanos do final do século XIX e início do século XX. Por meio deles, foram instituídos procedimentos, normas e regulamentos necessários para a construção de um modelo escolar dito de qualidade e com disciplina para toda a sociedade. Entre esses procedimentos, estavam os passeios escolares que representaram mais um suporte para o processo de escolarização dos alunos daquela época, cuja aprendizagem era realizada pelo método intuitivo, conforme princípios pedagógicos modernos.

Como registra Reis Filho (1995, p. 68), “[...] o método intuitivo, graças aos discípulos de Pestalozzi, difundiu-se na Alemanha a partir de 1825 e ao longo do

3 Neste artigo, os trechos extraídos de documentos de época têm respeitada a grafia original. Trecho extraído de Instrução Publica, publicado no jornal *A Republica*, em 20 e abril de 1914.

século XIX, por toda a Europa e Estados Unidos, chegando a ser considerado o método pedagógico por excelência”. Nos Estados Unidos especificamente, “[...] as práticas do método intuitivo foram introduzidas em 1806, mas somente após 1860 receberam larga aceitação e utilização, como comprova a obra “Primary object lessons for a graduated course of development de Calkins”, originalmente publicada em 1861” (ZANATTA, 2005, p. 174). A sua chegada ao Brasil data do século XIX, e tem ligação com a obra de Norman Calkins, a qual foi traduzida por Rui Barbosa, em 1880. Zanatta (2005) lembra-nos de que a obra traduzida com o título de “Primeiras lições de coisas” foi aprovada pelo governo do Império como livro texto na formação de professores, sendo publicada em 1886.

A divulgação do método intuitivo no Brasil ocorreu de várias formas; porém, sua divulgação mais completa, juntamente com a defesa mais ardorosa, segundo palavras de Valdemarin (2000, p. 74-87), ocorreu na “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública”, consubstanciada em pareceres de Rui Barbosa, redigidos entre 1882 e 1883.

Souza (1998, p. 160-161), ao recordar Rui Barbosa, menciona que o jurista “[...] concebia o método intuitivo como o único capaz de triunfar sobre os métodos verbalistas e a rotina pedagógica predominante nas escolas de seu tempo”. A tradução da obra de Norman Allison Calkins intitulado “Primary object lessons” – publicada no Brasil, em 1886 com o título de “Primeiras lições de coisas” – pode ser considerada a principal contribuição do jurista no que se refere às experiências com o método intuitivo no Brasil da passagem do século XIX para o XX, porque serviu como uma espécie de manual de orientação aos professores.

Dessa forma, Souza (1998, p. 162) salienta que:

[...] é preciso ver nas *lições de coisas* mais que um simples método pedagógico, e vê-lo como a condensação de algumas mudanças culturais que se consolidaram no século XIX: uma nova concepção de infância, a generalização da ciência como uma forma de “mentalidade” e o processo de racionalização do ensino.

Souza (2000, p. 12) recorda os fundamentos desse método, também conhecido como “lições de coisas”, o qual foi considerado base de um processo de renovação pedagógica; assim, por estar fundamentado “[...] especialmente nas ideias de Pestalozzi e Froebel, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato”. O método intuitivo passava a ser considerado um esforço contrário ao ensino verbalista, com base na memorização e caracterizado pelo esforço de abstração sem sentido prático, que tanto pautou as escolas de primeiras letras do Império. Para tanto, deveria permear todo o programa de ensino e não apenas determinadas matérias ou assuntos específicos.

O método intuitivo apontava o trato com os sentidos como a mais eficaz via para se obter os melhores resultados em termos de aprendizagem. As operações por meio dos sentidos (ver, pegar, ouvir, cheirar) exigiam, por sua vez, observação e experimentação, o que fazia com que a aprendizagem ocorresse de forma prática, concreta, para apenas a partir de então se caminhar para a abstração em um processo no qual os alunos teriam a possibilidade de pensar e criar cientificamente e não apenas se apropriarem de conhecimentos já fabricados pelos homens de outros tempos e lugares. Assim, somente o desenvolvimento da capacidade de raciocinar levaria a criança à verdadeira aprendizagem.

A pedagogia marcada pelos processos intuitivos

[...] queria-se fundada na observação de cada aluno, na experiência de cada situação, na concatenação minuciosa dos conteúdos de ensino pacientemente isolados e colecionados no cultivo de cada faculdade da criança numa ordenação que se pretendia fundada na natureza. (CARVALHO, 1989, p. 31-32).

Esse método marcou o cotidiano dos grupos escolares brasileiros do final do século XIX e início do XX. Assim foi que o ensino nos grupos norte-rio-grandenses pretendeu estar orientado por tal método. Os grupos foram veículos difusores de práticas e de princípios europeus e norte-americanos de escolarização da infância como o método intuitivo ou lições de coisas.

Os grupos escolares norte-rio-grandenses, assim como ocorreu em outros estados, foram também formados pela reunião das escolas isoladas⁴. No Rio Grande do Norte, foram construídos prédios únicos para essa junção de escolas, que se caracterizavam por uma arquitetura com influências francesas e neoclássicas, porém de modo mais simples e modesto, sem muitos detalhes em sua estrutura se comparados a edifícios de grupos implantados em outros estados⁵. De acordo com o relatório do diretor do Departamento de Educação, Dr. Nestor dos Santos Lima, em 1926, a construção dos prédios escolares além de seguir os preceitos higienistas e pedagógicos, possuía um aspecto arquitetônico de beleza, comodidade e solidez, características que, juntamente com a adoção do método de ensino intuitivo,

4 Estas eram instituições que também atendiam o público do ensino primário. Mas, diferentes dos grupos, conviviam com grandes limites no seu funcionamento. A multisseriação era uma de suas características. Atendiam locais com menor quantidade de alunos, onde ainda não se sustentava a necessidade de um grupo escolar. De modo geral, esses grupos não possuíam prédio próprio para os serviços de instrução, funcionando, em grande parte na própria casa do professor, ocasionando mistura entre a cultura do lar e a cultura escolar.

5 É possível encontrarmos descrições mais ou menos detalhadas acompanhadas de imagens dos prédios dos grupos escolares, as quais demonstram a grandiosidade e o requinte do detalhamento arquitetônico, nos trabalhos, por exemplo, de Castro (2009) sobre os grupos no Paraná; Souza (1998) sobre os grupos em São Paulo; Faria Filho (2000) sobre Minas Gerais; Azevedo (2009) sobre Sergipe; Ermel (2009) sobre o Rio Grande do Sul; Silveira e Bonato (2009) sobre o Rio de Janeiro.

permitiam que os grupos escolares fossem considerados escolas modernas (RIO GRANDE DO NORTE, 1926).

O ensino moderno ministrado nos grupos escolares era pautado no princípio de que os alunos, através de seus sentidos como o tato, a audição, o olfato e a visão, avaliassem um determinado tipo de objeto estudado com o objetivo de construir uma opinião formada por eles mesmos. Os alunos utilizavam seus sentidos para a observação dos objetos; com isso, aqueles desenvolveriam seus sentidos, com o intuito de saber do que um objeto estudado se tratava, fazendo com que o cérebro fosse exercitado, incentivando-os a pensar. Por isso, esse estímulo poderia incentivar os discentes a querer pesquisar e raciocinar para depois concluir, considerando essas etapas como o método intuitivo ou lições de coisas, como declara Charles Delon (ano? apud BASTOS, 2013, p. 5), para o qual, o método intuitivo foi um instrumento de instrução e de educação, visto que somente a lição das coisas

[...] coloca o aluno na presença dos fatos materiais, com realidades visíveis e tangíveis, não mais de abstrações. A lição intuitiva dá às coisas e palavras, às palavras com as coisas – observação dos fatos e comunicação da linguagem. Mas é do ponto de vista educativo que a lição de coisas tem mais valor. Ela tem essencialmente por objetivo desenvolver e exercitar os órgãos, a inteligência, o julgamento; de suscitar o espírito de observação e pesquisa, a iniciativa pessoal; comparar com outros objetos, generalizar suas observações, raciocinar e concluir. Apela para todas as faculdades e operações de sua inteligência. Convida a pensar e a exprimir seu pensamento, a imaginar. Desenvolve o ser física e intelectualmente, os sentidos e a alma, o senso prático e o senso moral e estético. Serve para o ensino coletivo e essencialmente oral.

Os princípios deste método sobre o conhecer apontam que a produção de conhecimento se inicia com as atividades dos sentidos, as quais produzem as percepções sobre o mundo tornando-se ponto de partida para a construção das ideias que analisadas produzirão o dito conhecimento (AZEVEDO, 2009, p. 159). Os passeios escolares eram meios para que as crianças se apropriassem do mundo vivo, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio e de construção do conhecimento. Os passeios foram, assim, uma prática intuitiva em termos metodológicos.

O novo método de ensino intuitivo dava mais autonomia ao professor para criar processos naturais de aprendizagem com o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvessem, de forma autônoma, suas atividades. Segundo Azevedo e Stamatto (2012, p. 56-57),

[...] o método intuitivo era um conjunto de propostas diversas e difusas em várias obras e iniciativas. Tais propostas consistiam em um conjunto de procedimentos metodológicos destinados a orientar a prática pedagógica de professores da escola primária. De acordo com os princípios sobre a aprendizagem nos quais se

fundamenta esse método, o ato de conhecer inicia-se nas operações dos sentidos sobre o mundo exterior. A partir de tais operações, seriam produzidas as sensações e percepções sobre fatos e objetos, ponto de partida para a construção do conhecimento.

O emprego do método intuitivo, como registra Monarca (1999, p. 180) é sinônimo de: “[...] percepção e visão das coisas sensíveis e formulação de conceitos exatos – objetiva a obtenção de conhecimento direto ou imediato do mundo, sem utilização de juízos preliminares e consciência de se ter empenhado”. O ensino intuitivo se baseava no processo de educação pautado nos sentidos e na experiência. Nos sentidos, pois os alunos iriam tocar os objetos estudados, conhecendo na prática o que as professoras ensinavam e na experiência, porque os discentes teriam a oportunidade de sempre conhecer e ter contato com algo novo, adquirindo mais experiência e exercitando sua capacidade de formar opiniões próprias a respeito de um determinado objeto. Segundo Azevedo e Stamatto (2012, p. 57):

De acordo com a pedagogia dos processos intuitivos, a aprendizagem deveria ser feita mediante as coisas e a experimentação. As coisas seriam os objetos de conhecimento dos alunos; o conhecimento humano seria fruto das percepções sobre os objetos, proporcionados pelos sentidos, a partir dos quais as ideias seriam desenvolvidas. Além desse pressuposto, para o benefício dos processos intuitivos, a experiência baseada nos sentidos deveria ser associada à recreação e ao prazer, estratégia para o desenvolvimento da criatividade dos alunos com o fito de levar à educação intelectual.

Percebemos, assim, a relação direta entre o método intuitivo e o estabelecimento dos passeios escolares. Por meio destes, a maneira de enxergar o mundo poderia ganhar outra perspectiva, já que os alunos poderiam desenvolver o desejo pelo conhecimento que poderia ser formulado por eles mesmos sob a orientação do professor e, através do contato que estavam tendo com o mundo vivo.

3 Os passeios escolares: observação e estimulação dos sentidos

Os passeios escolares eram necessários para a instrução pública. Eram responsáveis pelo desenvolvimento dos alunos e pelo grande alcance que a propaganda do ensino moderno alcançava nas localidades. No Rio Grande do Norte, deveriam ser efetuados uma vez por mês, conforme determinou o Regimento Interno dos grupos. Eram chamados, também, de atividades escolares e extraescolares. Por meio deles, a aula deixaria de ser ministrada em salas do prédio escolar, tendo a função de colocar em prática o método da observação e estimulação dos sentidos

dos alunos, ou seja, a orientação era o método intuitivo, considerado uma inovação pedagógica, na época.

Entre as inovações vinculadas ao método de ensino intuitivo, estão, conforme Valdemanin (2004, p. 176), “[...] a proposição que a escola deva ensinar coisas vinculadas à vida, aos objetos e fatos presentes no cotidiano dos estudantes, introduzindo assim os objetos didáticos como elementos imprescindíveis à formação das ideias [...]”. As atividades extraclasse deveriam contar com a participação efetiva dos alunos, já que, mesmo fora da sala de aula, eles deveriam aprender através da interação com o mundo, aspecto próprio do método intuitivo. Para essa interação, os objetos escolares muito contribuíam e, mesmo os objetos da natureza, que em meio às ações escolares dos passeios transformavam-se em objetos de estudo.

Os passeios escolares eram, ainda, um modo de lazer, de recreio e diversão que aproveitava a natureza como um objeto de estudo, transformando-se em um mecanismo de aprendizagens. Nessa linha de pensamento, Cardoso (2008) afirma que os passeios escolares, do ponto de vista do ensino moderno, pautado no método intuitivo, foram uma inovação pedagógica que envolvia atividades lúdicas e aprendizagens, fazendo com que o aluno, por meio da observação, fizesse a análise tanto dos objetos quanto dos materiais didáticos como mapas, globos e livros:

Estas modernas práticas de ensino, discutidas e aplicadas no Brasil, estão presentes na reforma do ensino público de 1892, que tornou obrigatórios os procedimentos intuitivos. A recomendação para a aplicação do ensino intuitivo destinava-se a todas as matérias científicas do currículo escolar, desde aritmética e ciências físico-naturais (lições das coisas) até o ensino de Geografia e História e os trabalhos manuais. Os passeios escolares, no aspecto da metodologia intuitiva, foram uma das inovações pedagógicas mais simpáticas, em virtude de suas atividades lúdicas e de sua aprendizagem, e em várias ocasiões, fora da sala de aula. (CARDOSO, 2008, p. 96).

Por meio dos passeios, os alunos saíam da escola. A relação da classe com a rua tinha o objetivo de proporcionar uma interação da escola com a comunidade, promovendo, dentro da classe, discussões sobre tudo o que compunha a escola, como os seus objetos (materiais pedagógicos e escolares). Isso fazia com que os alunos pegassem e falassem desses objetos dando a sua opinião e fazendo a sua crítica a respeito do objeto estudado. Fora da classe, nos passeios escolares, havia o mesmo propósito, estimulando os alunos a desenvolverem seus próprios conceitos a respeito do que os cercavam.

Isso fica perceptível na comunicação do diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, do Assú-RN, sobre o passeio escolar realizado em fevereiro de 1914 (INSTRUÇÃO, 1914, p. 1). O local a ser visitado localizava-se perto da margem de um lago contornado por carnaubais, onde foram explanados

termos geográficos que proporcionaram que os alunos o pegassem com suas próprias mãos os objetos que aquele local oferecia, fazendo com que fosse despertado nos alunos o interesse pela natureza e tudo à sua volta; então, os estudantes poderiam formar seus próprios conceitos sobre os objetos estudados.

As lições de coisas, como também era conhecida a base do método intuitivo, eram acompanhadas de exercícios de linguagem, para que os alunos conseguissem chegar de forma clara às ideias. Zanatta (2005, p. 171) registra que método da “lição das coisas” se caracteriza por

[...] oferecer dados sensíveis à observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando por esse caminho aos conceitos abstratos. Daí a ênfase dada por Pestalozzi ao contato direto com a natureza e à observação da paisagem mediante a valorização da excursão e do trabalho de campo como pressuposto básico do estudo. (ZANATTA, 2005, p. 171).

No Rio Grande do Norte, todo professor deveria fazer uma descrição do passeio escolar, mostrando qual lugar seria visitado, quais os aspectos do lugar deveriam ser observados, o que havia em volta do ambiente, qual era a distância do local visitado para grupo escolar em que ministrava aulas, quantos alunos participaram do passeio, além de explicar ao que cada ambiente remetia. Por exemplo, se eles fossem visitar um lago em cujo entorno tivessem carnaúbas ou diferentes árvores, no lugar seria explanada a aula de Geografia, que fazia com que os alunos pegassem com suas próprias mãos a areia e a água, aguçando seus conhecimentos pela natureza e seus fenômenos, sendo mostrados, também, os seus possíveis acidentes geográficos causados tanto pela natureza quanto pelo homem, como mostra o diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel Correia (Assú/RN) para o diretor geral da Instrução Pública, em 1914:

[...] Cumprindo o que dispõe o ar. 21 do Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, levo ao vosso conhecimento que hotem, 10 de março, pelas 6 horas da manhan em companhia de todas as classes deste grupo, fiz um passeio escolar ao sitio – Mês Amours – distante deste local mais ou menos um kilometro, onde, á margem de aprazível lago, contornando de verdes carnaubaes, algodeiros e milharaes, explicamos às classes os termos geographicos, que ellas por suas próprias mãos, conduzindo areia em pequenas vasilhas, concretisaram, formando, com a dita areia, na agua rasa, ilhas, penisulas, cabos, isthmos, costas etc., emquanto ao mesmo tempo, o seu relevo deixava ficar bem representado, oceanogolfos, estreitos etc. Na mesma ocasião, foi também dada uma explicação concretisada, sobre vulcão, despertando nos alumnos positivos interesses por conhecerem suas naturezas, erupções etc. [...]. (INSTRUCÇÃO, 1914, p. 2).

No Grupo Escolar Thomaz de Araújo, em Acari/RN, também era possível observar os ensinamentos geográficos realizados em um passeio escolar para a

fazenda chamada “Fortaleza do Felipe”. Na ocasião, o ensino sobre os terrenos e sobre a composição calcária e argilosa da terra era evidenciado, como podemos ver no seguinte trecho, publicado na imprensa local em 24 de agosto de 1920:

[...] Grupo Escolar “Thomaz de Araujo” (Acary) – A 30 do mez passado, a escola isolada masculina fez um passeio escolar na fazenda “Fortaleza do Felipe”, propriedade do coronel Santa Rosa, comparecendo 15 alumnos. Nesse local foram estudados diversos terrenos de aluvião e terrenos de composição calcarea, argilosa, humosa, dando o professor, breves palavras, a importância de cada um, quanto a produção dos cereais, do algodão, &. Depois da lição, ouvida com muito proveito, seguiu-se uma parte recreativa, constante de callistenica e jogos infantis. [...]. (PELO, 1920a, p. 1).

Com base no método de ensino intuitivo, as matérias escolares passariam a ter diferentes conduções. A forma concreta como os conhecimentos geográficos passam a ser trabalhados fica visível na descrição dos passeios escolares dos grupos do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, Zanata (2005 p. 171) chama a atenção para as implicações das mudanças quando à Geografia:

Essa proposta constituiu um estímulo bastante promissor para uma nova abordagem dos conteúdos das diferentes disciplinas, em particular de temas próprios da geografia. As excursões, as observações de campo, o uso de mapas e outras representações gráficas em muito contribuíram para dar vida ao ensino da Geografia escolar.

Se o local visitado possuísse, por exemplo, árvores, nele era passado o ensinamento sobre a origem dos frutos, das folhas, e sobre a terra, a fim de exaltar a natureza. Eram ensinadas noções de botânica e, ao mesmo tempo em que eles desenvolviam o interesse por conhecer algo novo, eram explanados outros tipos de explicações que se relacionavam com o que eles estavam vendo e tocando, conforme mostra o registro feito pelo diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel Correia, do Assu/RN:

[...] Em seguida, depois de entoado pelos alumnos em geral o Hymno Sertanejo Asssuense, letra e musica da competente professora Maria Carolina Wanderley Caldas, dirigimo-nos para a sombra de frondejantes copas de joazeiros, onde foi dada ás duas primeiras classes uma lição de botânica, objectivada nas diversas arvores que nos circumdavam, com especialidade a carnaubeira, dando todas as lições magnífico resultado e mostrando-se os alumnos summamente satisfeito [...]. Durante o recreio, os alumnos entretiveram-se em trepar a pequena arvore, colher o fructo que lhes era explicado á vista, deram-se á pesca de linha, cuja arte era também explicada, demonstrando os alumnos sempre bom aproveitamento. [...]. (INSTRUÇÃO, 1914, p. 1).

No Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama/RN, em 1920, era observado o ensinamento sobre a planta, sendo apresentadas, aos alunos, as espécies

vegetais, suas partes e a sua função, o que mostramos a seguir, no registro publicado na imprensa local da época:

[...] Grupo Escolar “Pedro Velho” – (Canguaretama). A 24 no passado, fez um passeio no sitio “jiquy”, de propriedade do professor José Rodrigues, presentes 80 alunos. A professora Guiomar de Vasconcelos deu uma lição geral sobre a planta, apresentando aos alumnos diversas espécies e vegetaes, suas partes, funções e utilidade. Durante o dia, passaram as creanças e varias pessoas gradas/da localidade em animado pic-nic, regressando á tarde, na melhor ordem entoando cantos escolares, dando vivas aos professores e ás autoridades de ensino [...]. (PELO, 1920b, p. 1).

A realização dos passeios escolares, além de momentos de aprendizagem relativos às disciplinas escolares, podiam converter-se em momentos de exaltação cívica e dos poderes instituídos em meio a processos de interação escolar e social, como vemos no registro sobre o passeio ocorrido com os alunos do Grupo Escolar Pedro Velho. O encontro com autoridades, o canto de hinos e o exercício da saudação aos presentes remete a um processo formador para além da escolarização. Os alunos eram formados como sujeitos de um regime republicano e precisavam apropriar-se dos signos políticos da época.

Sobre as especificidades dos passeios vale exemplificarmos que, se o local a ser visitado fosse uma indústria, de tecidos, por exemplo, eram mostrados o processo de fabricação e as fases pelas quais o produto passava, até chegar a seu resultado final; portanto, os ensinamentos eram realizados pelos professores e pelo responsável pelo local da visita. Tudo isso, tornava o passeio um ambiente de contemplação pelos alunos que participavam e prestavam atenção ao que lhes era ensinado, como apresenta o registro do Grupo Escolar Augusto Severo, em Natal/RN, publicado no jornal “*A Republica*”:

Grupo Escolar “Augusto Severo” – (Natal), a 29 no passado, fez um passeio consistindo em uma visita ás fabricas de fiação de tecidos, de propriedade da industrias Reunidas, previamente solicitado, comparecendo com o diretor, todos os professores, normalistas e 215 alumnos de todos os cursos e escolas isoladas. Obtido o consentimento do gerente das fabricas, sr. Angelino Poró, os visitantes foram recebidos pelos srns. Ottomar Keppel e José Potyguar Pinheiro, contador e escriptuario, que facultaram a entrada nas fabricas, onde o mestre Raul Golveia mostrou todas as secções, desde a entrada do algodão em pluma, até a do seu acabamento e enfardamento, passando pela de fiação, tecelagem, engomadeira, que todas funcionavam na mesma ocasião, sendo dadas as necessárias explicações aos alumnos tanto pelos mestres, como pelos professores. Em seguida foi visitada a fabrica de sabão, onde os alumnos instruídos sobre a respectiva fabricação. Concluída a visita, as escolas dirigiram-se á explanada da rua Silva Jardim, onde se realizaram visitas aos edificios da E.F Central, a merenda e o recreio, jogos infantis, callisthenica e actos escolares. (PELO, 1920b, p. 1).

Os passeios escolares aconteciam em fazendas, instituições industriais e culturais, além dos locais já citados. Os passeios eram a materialização do método intuitivo, ou seja, era nos passeios escolares que os alunos e as alunas iriam observar a relação dos conhecimentos trabalhados de forma teórica em sala de aula com as práticas realizadas nas vivências dos sujeitos, interagindo com os aspectos econômicos, políticos, físicos, sociais além de receberem das professoras todas as explicações referentes ao local visitado, como afirma Silva (ano? apud GOMES; ARAÚJO, 2010, p. 97):

[...] recebiam explicação sobre os termos geográficos, que elas por suas próprias mãos, conduzindo a areia em pequenas vasilhas, concretizavam, formando, com a dita areia, na água rasa, ilhas, penínsulas, cabos, istmos, costas, enquanto ao mesmo tempo, o seu relevo deixava ficar bem representado, o oceano, golfos, estreitos, dentre outros. Os alunos recebiam, também, explanação concreta sobre o vulcão, despertando nos discentes interesses por conhecerem suas naturezas, erupções.

A relação do professor com o aluno pretendia-se harmoniosa. O professor tinha o papel de transmitir os conhecimentos necessários para formar um cidadão responsável, com caráter e disciplina, sendo assim, não era somente mudar de um ambiente para o outro, pois a relação de ensino e de aprendizagem não sumia, ao contrário, continuava. A prática dos passeios escolares, como já abordamos, era essencial e necessária para o aluno, já que ele ia ter o contato com o mundo e tirar conclusões a partir de suas próprias opiniões e experiências aguçando o desejo pelo conhecimento, como mostram Araújo e Praxedes (2013), ao discutirem as aulas passeios a partir da perspectiva de Freinet, visto que, a partir das aulas passeio, os alunos poderiam ter despertada a sua curiosidade pelos acontecimentos extraclasse e, isso, “[...] ao mesmo tempo, possibilitaria uma aula mais fascinante para seus alunos ao explorar o meio ambiente e o meio social” (p. 248).

Os grupos escolares foram fruto de um processo de consideráveis mudanças no formato organizacional das escolas públicas, resultado no Brasil de discussões em prol da educação pública permeadas por uma consciência educativa considerada inovadora para o período no País. Podemos relacionar as mudanças operadas no âmbito da escola à concepção moderna sobre a criança. Esta, no mundo moderno, “[...] passou a ser vista como um todo harmonioso que depende do desenvolvimento igual das suas estruturas [mental, psíquica e física] para atingir a sua plenitude” (PAULA, 1994, p. 146). O nascimento de uma nova concepção acerca da criança deu-se, fundamentalmente, em função da família e da escola. Souza (2005, p. 10), em relação à escola declara que:

Em relação à escola primária, a seleção e ordenação do conhecimento escolar e a adoção do método intuitivo estiveram intrinsecamente vinculados à concepção de

criança e como ela aprende. Por isso, a história do currículo da escola elementar está intimamente relacionada à história da construção da criança no discurso educacional.

Os princípios do método intuitivo, mais precisamente as “lições de coisas”, na visão de Souza (2005, p. 38), “[...] aproximam-se muito da concepção de instrução oral, um modo de ensinar que privilegia a exposição oral do professor e o uso de objetos em substituição ao uso do livro didático”. Isso pode ser verificado nos passeios escolares. Por ocasião dos passeios realizados pelos grupos do Rio Grande do Norte, os professores tinham a preocupação de ensinar e realizar atividades em processos conhecidos como lições de coisas, para fazer com que os alunos se apropriassem dos conhecimentos trabalhados, e não apenas memorizassem. Já os alunos, tinham a função de prestar atenção nas aulas ministradas tanto dentro dos grupos escolares como fora deles, fazendo os exercícios e se deparando com a formação de seus próprios conceitos a respeito dos ensinamentos que lhe eram proporcionados.

4 Cultura física, higiene e civismo nos passeios escolares

Por meio do ensino primário daquela época, início do século XX, queria-se desenvolver a educação intelectual, moral e física dos alunos, com a finalidade de buscar um plano de estudo pedagógico para se adequar à escola moderna, tendo o objetivo de desenvolver a intelectualidade, a moral, o físico e o civismo dos alunos, como declara Cardoso (2008), concretizando o patriotismo, a ordem e o progresso que os administradores republicanos propunham com a nova organização escolar materializada nos grupos escolares.

Com isso, a preocupação com as práticas corporais das crianças foram ganhando grandes proporções, fazendo com que fossem implantados os exercícios calistênicos como práticas nos grupos escolares, as quais passaram a fazer parte do novo modelo de ensino. Voltavam-se para o desenvolvimento físico da criança. Faria Filho e Vago (2001) asseveram que os exercícios físicos foram cuidadosamente posicionados entre as demais disciplinas, porque eram considerados como recurso de higiene, ou seja, era preciso que os alunos usufríssem de momentos de relaxamento entre as disciplinas elencadas dentro dos grupos escolares, pois além de o aluno relaxar fisicamente para compreender melhor as aulas, os exercícios calistênicos eram um recurso de higiene já que proporcionavam uma vida mais saudável com práticas higiênicas aos alunos. Tais práticas foram combinadas aos passeios escolares.

A higiene era voltada para as preocupações com a iluminação dentro das salas de aula, a aeração do ambiente, ao direcionamento do grupo escolar e o asseio

tanto do prédio escolar quanto dos alunos bem como para a atenção à saúde das crianças por meio da vacinação. Além dessas preocupações, os preceitos higienistas tinham o objetivo de cultivar o corpo dos alunos, retirando todos os malefícios, as doenças e os vícios. Ao invés de um corpo fraco e raquítico, o corpo da sociedade republicana deveria ser saudável, belo e forte. Era, por isso, que os preceitos de higiene sempre estavam aliados a uma corporeidade mais saudável e com mais sensibilidade. Por isso, os exercícios calistênicos eram considerados como um recurso higiênico.

Os exercícios calistênicos ou de calistenia eram tanto higiênicos quanto educativos, como afirma Marinho (ano? apud VAGO, 1999, p. 263). Eram higiênicos porque tinham o objetivo de produzir força, beleza e equilíbrio no corpo dos alunos, os exercícios eram considerados uma forma de higienizar o corpo dos discentes. E foram considerados educativos, visto que eram feitos ao ar livre e consistiam em um modo rítmico de educar o corpo a se comportar em determinados ambientes fossem dentro ou fora das salas de aula, mantendo a postura entre outros aspectos. No regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Rio Grande do Norte, de 1914, os exercícios físicos deveriam ser feitos nos passeios escolares com cânticos, corridas e jogos infantis: “Exercicios Physicos [...]. No recreio: Brinquedos e jogos infantis com canticos. Corridas até 20 metros, durante nunca mais de 15 minutos. Em passeios escolares: os mesmos do recreio” (RIO GRANDE DO NORTE, 1914).

Era evidente a preocupação com os exercícios físicos, como mostra o registro do jornal “*A Republica*” de 11 de abril de 1918. Neste, percebemos que o Grupo Escolar Moreira Brandão, em Goianinha/RN, recebeu o inspetor de ensino Amphiloquio Câmara que identificou a falta dos exercícios calistênicos, segundo ele, tão importantes para a formação moral de um cidadão, registrando que: “[...] os seus discipulos são por demais irrequietos e palradores, nenhuma atenção prestando aos exercicios escriptos ou callisthenicos e lições oraes. [...]”. Dando sugestões para a resolução desse problema, declarava em seguida:

[...] Como remate e em complemento dos esclarecimentos que tive ensejos de fornecer verbalmente aos professores, recommendo-lhes [...] que exijam de seus alumnos um pouco mais de correcção, de elegancia nos exercicios callisthenicos e uma marcha mais surda, mais cadenciada. Grupo Escolar <Moreira Brandão>, em Goyaninha, 11 de Abril de 1918. (a) Amphiloquio Carlos Soares da Camara, Inspector de Ensino [...]. (PELO, 1918a, p. 2).

Os exercícios calistênicos eram práticas corporais que não ocupavam um lugar específico como matéria independente no currículo. Essas práticas poderiam

ser iniciadas no recreio ou até mesmo em marchas, com os alunos fardados, em filas e em colunas, realizadas nos grupos escolares ou fora deles, visando à educação e higiene corporal do cidadão republicano. Com isso, os movimentos dos exercícios calistênicos levariam as crianças a terem a pretendida racionalidade corporal que era objetivada no início do século XX, educando os corpos dos alunos com o intuito de fazê-los belos e fortes, como declara Vago (1999, p. 267).

Importante também eram os hinos cantados depois de visitar um local de passeio, ou seja, a cada ambiente diferente de visita, era cantado um hino pelos alunos e professores do grupo. A chegada ao local alvo do passeio ou o retorno ao grupo escolar eram momentos de cânticos e exaltação a autoridades políticas ou educacionais.

O canto frequente dos hinos proporcionava, à escola, um caráter cívico que formava uma tradição escolar com valores culturais voltados para o governo republicano. Os hinos disciplinavam os alunos, fazendo com que o ideário e os costumes republicanos, participassem e entrassem na vida da sociedade, com o objetivo de ordenar a tudo, mostrando o ato de civilidade, a disciplina e o progresso que os representantes do novo regime político republicano propunham tanto para a escola como toda a sua metodologia do ensino, incluindo, também, os passeios escolares.

Os hinos escolares concretizavam o civismo. Eles motivavam os professores e alunos para darem início às atividades que a escola moderna propunha, utilizando os instrumentos da pedagogia cívica vista naquela época, como declara Azevedo (2011).

Pudemos observar todo esse civismo e a presença eminente desses cânticos nos passeios escolares, como no passeio do Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama/RN – publicado, em 23 de agosto de 1920, em “*A Republica*” – no qual os cânticos escolares estiveram presentes, quando do regresso ao Grupo após a visita de 80 alunos ao sítio Jiquy (PELO, 1920b, p. 1). E, após o passeio escolar, ocorria a parte recreativa com jogos infantis, exercícios físicos, atividades com brinquedos, carreiras e cantos escolares. Essa parte recreativa tinha o objetivo de formar um cidadão competente, com disciplina e responsabilidade, já que tinha a finalidade de dar uma formação integral ao cidadão, alimentando não somente a mente, mas também o seu corpo com os exercícios físicos e ginásticos. Mas, os passeios escolares foram uma realidade em todos os grupos norte-rio-grandenses, conforme determinava o Regimento dos grupos escolares?

Em alguns grupos escolares, o cumprimento do Regimento Interno era bem efetuado, como mostra o Termo de Visita do inspetor de ensino Amphiloquio

Câmara, em visita ao Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama/RN, do dia 18 de junho de 1918, e publicado em “*A Republica*” no dia 4 de julho do mesmo ano:

[...] os passeios escolares têm sido effectuados com pontualidade bem como foi a <festa das arvores>, merecendo menção especial o passeio e acampamento realizados em pittoresco sitio, a 13 de Maio, do qual sò ouvi falar bem, com entusiasmo, as pessoas com quem privei [...]. (PELO, 1918b, p. 2).

Além de serem bem efetuados, os passeios escolares eram realizados com regularidade em alguns grupos escolares como no Grupo Escolar Senador Guerra, em Caicó/RN, visitado pelo Dr. Amphiloquio Câmara, no dia 16 de agosto de 1922, como se vê no registro apresentado a seguir, e que foi divulgado, na época, em “*A Republica*”: “[...] Os passeios escolares mensaes teem sido feitos regularmente, e a escripturação escolar está em dia, lançada com o devido cuidado, excepção dos diarios de classe, nas tres escolas, á falta de livros apropriados [...]” (PELO, 1922, p. 2).

Apesar de em alguns casos não terem sido registrados pelos profissionais da instituição escolar, os passeios ocorriam como mostra o Termo de Visita elaborado por Amphiloquio Camara, inspetor do ensino, em companhia do Sr. Francisco Linheiro Alvez de Souza, presidente da intendência local, ao visitar o Grupo Escolar José Rufino, na Villa de Angicos/RN, encontrado no Jornal “*A Republica*”, de 17 de agosto de 1920: “[...] Os passeios escolares, salvo os dos mezes em que a professora esteve licenciada, foram realizados, embora se não tinha feito o respectivo registro [...]” (PELO, 1920d, p. 1).

O aproveitamento que era verificado nos alunos era de extrema importância pela harmonia que eles tinham ao entrar em contato com um mundo diferente da sala de aula, dando aos passeios escolares uma grande utilidade na educação física, mental e cívica dos alunos, pondo-os em contato com a natureza campestre e diferentes instituições do estado (como indústrias), despertando e desenvolvendo, neles, sentimentos morais e patrióticos.

Porém, em muitos grupos escolares o Regimento Interno estabelecido pelo diretor da Instrução Pública não chegava a ser executado devido, em alguns casos, a situações inevitáveis, a exemplo da grande quantidade de chuva em um determinado período do ano que a professora escolheu para realizar o passeio escolar, como mostra o Termo de Visita do Grupo Escolar Fabricio Maranhão, na villa de Pedro Velho/RN, em 20 de junho de 1918, feito por Amphiloquio Carlos Soares da Câmara, inspetor de ensino e publicado em jornal da época em 8 de julho de 1918:

[...] A professora da cadeira apresentou seus motivos de ordem local que dificultaram e impediram a celebração da *festa das arvores*, a 1º de Maio e justificou com

as pesadas chuvas que tem cahido o facto de não ter realizado os passeios escolares mensaes.

Entretanto, cumpre-me recommendar-lhe a observancia, tanto de uma como de outra coisa, levando ao conhecimento do director geral da Instrucção Publica os motivos e causas que sempre impediram a execução de qualquer serviço. [...]. (PELO, 1918c, p. 2).

Em outras ocasiões, os passeios eram esquecidos pelos professores dos grupos, fazendo com que o inspetor de ensino que visitava esses grupos tivesse de lembrar os professores, por meio de seu Termo de Visita, da obrigatoriedade do cumprimento do Regimento, chamando a sua atenção e prestando esclarecimentos no sentido de realizar essas reuniões tão úteis ao desenvolvimento do aluno, segundo o inspetor, como mostra o Termo de Visita, do Grupo Escolar Capitão Mór Galvão (Currais Novos/RN), de 6 de julho de 1918, feito por Amphiloquio Câmara, inspetor de ensino e que foi posteriormente divulgado por meio da imprensa local:

[...] Como ponto final, recommendo ao professor Gilberto Pinheiro, cujo interesse e Zêlo pelas cousas do ensino são de todos bem conhecidos, que se não esqueça de proceder mensalmente aos passeios escolares regulamentares, e chamo a sua atenção para o sotaque desagradavel de seus alumnos revelado durante a leitura. Grupo Escolar <Capitão Mór Galvão>, em Curraes Novos, 6 de Julho, de 1918 (a.) Amphiloquio Carlos Soares da Camara – Inspector de Ensino. (PELO, 1918d, p. 1).

Tendo o objetivo de acabar com essa irregularidade, como mostra o Termo de Visita do Grupo Escolar Padre Cosme, em São Miguel/RN, de 17 de julho de 1920, Amphiloquio Câmara, inspetor de ensino, declarava que:

Uma outra irregularidade, para a qual devo com muito interesse, como fiz pessoalmente, chamar atenção do preceptor é a que se refere á não realização dos passeios e festas escolares, tão importantes á educação physica, mental e cívica dos alumnos, pondo-os em contacto com a natureza campeste e despertando e desenvolvendo nelles sentimentos morais e patrióticos. (PELO, 1920c, p. 1).

Como verificamos, nem sempre era possível realizar os passeios escolares, considerados base para o desenvolvimento tanto moral e intelectual, quanto físico e mental dos alunos e o não cumprimento dessa atividade extraescolar acarretava um descontentamento por parte das autoridades do ensino, as quais logo inspecionavam os grupos escolares, registravam as irregularidades e se pronunciavam, a fim de acabar com toda atitude considerada inapropriada para a fundamentação dos preceitos modernos.

5 Considerações finais

Com a implantação dos passeios escolares, de acordo com o Regimento Interno dos Grupos Escolares em vigor a partir de 1913, no Rio Grande do Norte, um novo modo de aprender e de ensinar foi implantado. Ele tinha o objetivo de ensinar aos alunos sobre a cultura física, proporcionar lições de coisas e possibilitar a formação do caráter nacional e republicano do País, mediante práticas efetivas de aprendizagem por meio da intuição (sentidos). Os passeios escolares, tinham a função de relacionar a escola com a comunidade, estimulando os alunos a desenvolverem seus próprios conceitos e opiniões sobre o que estavam vendo, tocando e sentindo no ambiente natural ou construído pelo homem.

Podemos observar, neste trabalho, a importância que os passeios escolares tiveram na vida dos alunos e a preocupação que o governo do início do século XX tinha a respeito de implantar os passeios escolares com a finalidade de ser uma autoridade de ensino para reforçar o que esses alunos estavam tendo dentro da sala de aula e para que estes pudessem aprender, também pela prática, sobre questões que estavam presentes fora da sala de aula.

Era a partir da observação, do contato com o ambiente, com a comunidade, que os alunos desenvolviam e produziam novos conhecimentos. Além disso, os passeios escolares eram responsáveis por disseminarem o conceito do ensino moderno, promovendo a disciplina, a responsabilidade e a formação do caráter do aluno.

Os passeios escolares eram a continuação da aula dada nos grupos escolares, devido ao fato de os alunos participarem, interagirem e receberem, pelos professores, os conhecimentos necessários sobre o ambiente visitado, tendo o contato com o mundo e tirando suas próprias conclusões a respeito do que estava presenciando. Para o ambiente escolar do ensino primário público do início do século XX, os passeios constituíram-se em uma inovação pedagógica.

Portando, é impossível negar a importância que os passeios escolares tiveram na vida dos alunos e de toda a sociedade daquela época, já que era um novo método de aprendizagem que possibilitava que os estudantes se desenvolvessem cada vez mais e de forma autônoma, conforme os procedimentos de aprendizagem e por meio dos sentidos.

Referências

ARAÚJO, Magnólia Fernandes F. de; PRAXEDES, Gutemberg de C. A aula passeio da pedagogia de Célestin Freinet como possibilidade de espaço não formal de educação. *Ensino Em Re-Vista*, v. 20, n. 1, p. 243-250, jan./jun. 2013.

ARAÚJO, Marta Maria de. As alteridades societárias e a instituição dos grupos escolares no Rio Grande do Norte (1890-1911). *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 619-635, 2012.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. *Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância*. Natal: Ed. UFRN, 2009.

_____. Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 93-115, 2011.

_____. ; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Escola da ordem e do progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte*. Brasília, 2012.

BASTOS, Maria Helena Camara. Método Intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson. *Hist. Educ.*, Santa Maria, v.17, n. 39, p. 1-23, jan./abr. 2013.

BEZERRILL, Simone da Silva. Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 2., 7-10 jun. 2011, São Luís. *Anais*. São Luís, 2011. p. 1-12.

BURKE, Peter. *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

CALONGA, Maurilio Dantielly O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? *Comunicação & Mercado*. Dourados, UNIGRAN, v. 01, n. 02, edição especial, p. 79-87, nov. 2012.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Um ponto de vista geográfico nos manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Sobral, v. 10, n. 1, p. 93-105, 2008.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. A arquitetura dos grupos escolares do Paraná na Primeira República. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 90, n. 224, p. 122-148, jan./abr. 2009.

ERMEL, Tatiane de Freitas. Grupo Escolar Fernando Gomes: a construção de novo espaço na cidade de Porto Alegre/RS (1913-1946). In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 16-19 nov. 2009. *Anais*. Rio de Janeiro, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. 2000. Tese do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Passo Fundo, Passo Fundo, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VAGO, Tarcísio Mauro. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: VIDAL, Diana

Gonçalves; HILSDDDRE, Maria Lucia Spedo (Org.). *Tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 117-136.

GOMES, Maria das Vitórias dos Santos; ARAÚJO, Marta Maria de. Materiais pedagógicos de Escola de Criança. (Rio Grande do Norte, 1908-1930). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9.,???. *Anais eletrônicos*. João Pessoa, 2012.

INSTRUCÇÃO publica. *A República*. Natal, 20 de abr. 1914, n. 86, p. 1-2.

MONARCA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. *Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar “Augusto Severo” – Natal/RN (1908-13)*. 2005. 00 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal, 2005.

MOREIRA, Keila Cruz *Grupos Escolares – modelo cultural de organização (superior) da instrução primária (Natal, 1908-1913)*. 1997. Monografia – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal, 1997.

_____. *Em nome da República: escolas e tradições modernas*. 2011. 00 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal, 2011.

PAULA, David Ferreira de. A infância e o Mundo Moderno. *Pós-História: Revista de Pós-Graduação em História*. Assis, v. 2, p. 141-150, 1994.

PELO ensino. *A República*, Natal, 24 ago. 1920a, n. 188, p. 1.

_____. Passeios escolares. *A República*, Natal, 23 de ago. 1920b, n. 187, p. 1.

_____. Visitas escolares. *A República*, Natal, 21 set. 1922, n. 207, p. 2.

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar <Moreira Brandão>. *A República*, Natal, 10 maio 1918a, n. 104, p. 2.

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar <Pedro Velho>. *A República*, Natal, 4 jul. 1918b, n. 146, p. 2.

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar <Fabricio Maranhão>. *A República*, Natal, 8 de jul. 1918c, n. 149, p. 2.

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar Capitão Mór Galvão. *A República*, Natal, 7 de ago. 1918d, n. 175, p. 1.

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar “Padre Cosme”. *A República*, Natal, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 1. 1920c

_____. Visitas escolares: Grupo Escolar “José Rufino”. *A República*, Natal, 17 ago. 1920d , n. 182, p. 1.

REIS FILHO, Casemiro. *A educação e a ilusão liberal: origens da Escola Pública Paulista*. Campinas: Autores Associados, 1995.

RIO GRANDE DO NORTE. *Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado do Rio Grande do Norte*. Directoria Geral da Instrucção Publica. Natal: Typ. Commercial J. Pinto & C., 1914.

_____. Departamento de Educação. *Relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima*. Natal, 15 set. 1926. 43 fl. (Manuscrito).

SILVA, Francisco Andreson Tavares da. *Coleção Fotográfica Ministro Augusto Tavares de Lyra*, 2010.

SILVEIRA, Luciana de Almeida; BONATO, Nailda Marinho da Costa. A arquitetura na interface com a educação: das escolas do Imperador às escolas de Anísio Teixeira. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 16-19 de nov. 2009, Rio de janeiro. *Anais eletrônicos??*. Rio de janeiro, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. *Cadernos CEDES*, v. 20, n. 51, p. 9-28, nov. 2000.

_____. Tecnologias de ordenação escolar no século XIX Currículo e método intuitivo nas escolas primárias norte-americanas (1860-1880). *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 9, p. 9-42, jan./jun. 2005.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivos de corpos: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. 1999. Tese do Programa de Pós-Graduação, Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 1999.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. *Cadernos Cedes*, v. 20, n. 52, p. 74-87, 2000.

_____. **Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino**. In: SAVIANI, Dermeval et. al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar. *Cadernos Cedes*, v. 25, n. 66, p. 165-184, 2005.

Submissão em: 25/05/2015.

Aprovação em: 06/04/2016.